

A escola e os desafios contemporâneos,
de Viviane Mosé.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Vania Marques Cardoso
Progepe-Uninove, Mestranda
vmcbrasil@hotmail.com

Viviane Mosé, professora, psicóloga, psicanalista, é especialista em políticas públicas, mestre e doutora em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua ainda como docente do ensino superior e na comunicação social. Organizou e apresentou este livro: *A escola e os desafios contemporâneos*, para discutir a realidade escolar e seus reptos nos tempos contemporâneos. Com linguagem clara e viés *nietzschiano*, a autora faz uma introdução, dividida em subtítulos, na qual compartilha as entrevistas realizadas por ela com autores de referência em educação nos últimos 30 anos, no Brasil e em Portugal, que opinam sobre caminhos para a instituição escolar, entre uma sociedade sem escolas e a recuperação de seu valor institucional.

Na Introdução, identifica-se que no século XXI a educação se mantém desigual, mas em torno de um novo centro de poder, o conhecimento. Com base em Nietzsche, Mosé discute a razão como poder unitário criador de uma “ficção de vida”; critica a escola que se põe como depósito de conteúdo e reprodutora dos tempos e ritmos da linha de montagem; defende que, no mundo contemporâneo, marcado pela descentração da verdade e pela tecnologia, a escola precisa ir além do acesso a todos, unindo forças nacionais para romper a fragmentação e desenvolver projetos de cidadania, promovendo o raciocínio e a dúvida.

Rubem Alves ilustra a aprendizagem como duas caixas – a de ferramentas dá poder e a de brinquedos transforma o indivíduo – que a escola deve usar para superar a lógica capitalista, tornando os conteúdos ferramentas do “brincar” com a informação, superando os limites do espaço-tempo escolar.

Moacir Gadotti advoga a aprendizagem ao longo da vida e aponta desafios da escola contemporânea: o virtual com consciência planetária, o encontro entre educação formal e informal, o espanto aristotélico como motor do saber e um projeto emancipatório que dispa o currículo de seu sentido reprodutor.

Cristovam Buarque avalia que a escola atual torna o conhecimento mercadoria, sem, entretanto, responder ao mercado; para “mudar pela educação”, propõe um contágio que incorpore tecnologia colaborativa, aprofunde conteúdos e introduza filosofia para todos.

Celso Antunes ressalta o tema das cidades educadoras em que as escolas são permeadas pelo ensino da Filosofia, com centralidade no pensamento para transformar a informação em aprendizagem, a memória em significado e o computador em ferramenta.

Maria do Pilar, ex-secretária da Educação Básica do MEC, aborda a escola em dois âmbitos: o macro, entre avanços nas políticas públicas e a burocracia, e o micro, uma escola sem sintonia com o século XXI. Nessa esteira, defende um professor mentor de pesquisa e um gestor profissional orientado para o projeto educativo.

Madalena Freire define a escola como espaço que, sem perder de vista a pessoa humana no “diálogo amoroso” entre os que atuam na escola, trabalhe modelos, promova sentidos e significados partilhados e utilize a autoridade do professor (que luta para expulsar o dominador de dentro de si) como vínculo mediador do trabalho pedagógico.

Tião Rocha critica a escola como instituição que se reproduz com pouco impacto na comunidade. Conta experiências da ONG que dirige e cujos projetos transformam qualquer espaço em aprendizagem. Avaliados por indicadores (harmonia, criatividade, estética e felicidade), tais projetos fundamentam-se no empoderamento comunitário, na potencialidade humana, na diversidade, na ética, na cultura e na solidariedade.

José Pacheco, educador português, destaca a Escola da Ponte como a única escola pública autônoma de Portugal: rompeu com um modelo burocrático e desumanizador, colocou a todos como responsáveis pela escola por meio de atividades que favorecem a construção de novos códigos e linguagens. O autor defende que as escolas são as pessoas, não os edifícios.

Rui Canário, outro educador lusitano, reflete a escola de massas como cópia da fábrica, incapaz de responder aos públicos heterogêneos atuais. Sugere como alternativa o desenvolvimento de políticas de formação paralela – projetos educativos do Movimento Sem-Terra no Brasil, por exemplo –, únicas capazes de esbater as fronteiras entre educação informal e formal e centralizar a educação no aluno, com incorporação da tecnologia.

É um texto recomendável pelo seu teor propositivo. Tanto a autora quanto seus entrevistados propõem repensar a escola massificada no contexto imposto pela contemporaneidade, transformá-la a ou até substituí-la por novas formas de educar. Apontam alternativas válidas como a educação para a cultura e a filosofia; a formação de personalidades cidadãos; a incorporação de iniciativas da sociedade civil e a apropriação da tecnologia para dividir patrimônio social.

A leitura deste livro organizado por Mosé interessa a todos aqueles que se preocupam com o futuro da educação, em especial com a que se propõe e se realiza nas instituições escolares, buscando sua atualização e a ampliação do diálogo com a sociedade contemporânea, para traçar um vir-a-ser centrado no cultivo da autonomia dos estudantes e no desenvolvimento cidadão.